

Humor em Bakhtin e a Análise do Site *Sensacionalista*: Jair Bolsonaro e a Gestão da Pandemia de Covid-19¹

Renata de Paula DOS SANTOS²

Mauro de Souza VENTURA³

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, SP

RESUMO

O presente artigo desenvolve uma reflexão exploratória e descritiva a partir de quatro postagens do site *Sensacionalista*, realizadas em 2020, que tematizam a pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus. As publicações foram analisadas a partir do conceito de carnavalização, formulado por Mikhail Bakhtin (1996; 1997). A página realiza paródias do conteúdo jornalístico e ironiza os principais fatos do dia a dia. O humor pode ser percebido como um fenômeno essencialmente humano, que assume uma significação social (BERGSON, 2018) e que oferece uma importante reflexão sobre os valores e aspectos culturais de uma determinada época (POSSENTI, 2001). As postagens do humorístico destacam a gravidade da pandemia de Covid-19, promovendo um desvio da ordem habitual, com o questionamento contínuo da capacidade do presidente Jair Bolsonaro de conduzir o país.

PALAVRAS-CHAVE: Humor e política; Paródia e notícia; Site *Sensacionalista*; Pandemia de Covid-19; Presidente Jair Bolsonaro.

REFLEXÕES SOBRE O HUMOR

O *Sensacionalista* é um site reconhecido por mimetizar o conteúdo jornalístico. As piadas realizadas pelo humorístico assumem a mesma temática que é encontrada nas manchetes dos principais veículos de comunicação. A partir do exagero e de problemas já reconhecidos pelo grande público - como escândalos de corrupção, falta de capacidade técnica para o exercício da função pública e conchavos entre os partidos - a página ironiza o conteúdo político nacional. Desta forma, o objetivo do presente artigo é verificar se o mesmo raciocínio pode ser aplicado às piadas do *Sensacionalista*, nosso objeto de análise. O corpus é composto por quatro postagens realizadas em 2020, em razão da pandemia de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, Doutoranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp de Bauru. E-mail: renata.p.santos@unesp.br.

³ Jornalista, Livre-docente em Jornalismo e professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: mauroventura@faac.unesp.br.

Covid-19, doença causada pelo Sars-CoV-2, que teve os primeiros casos registrados no mês de fevereiro do mesmo ano.

Para Henri Bergson (2018) o cômico é um fenômeno essencialmente humano e que exige conhecimento prévio. O autor é enfático ao determinar que o riso apenas pode ser compreendido em seu meio natural, que é a sociedade. “O riso deve responder a certas exigências da vida em comum. O riso deve ter uma significação social”. (BERGSON, 2018, p. 40). Para rir de algo, é necessário distanciamento. Bergson pontua que a indiferença é o meio natural do riso. Nesta perspectiva, para rir de uma pessoa que inspira piedade ou afeição, é necessário que estes sentimentos benevolentes sejam temporariamente esquecidos. É neste sentido que o autor aponta o riso como o responsável por uma “anestesia momentânea do coração”. (BERGSON, 2018, p. 39). Para rir da ineficiência dos políticos brasileiros é necessário, ainda que por um instante, agir como se não fôssemos afetados pelos maus serviços prestados. O riso estabelece uma ação crítica, ou ao menos irônica, entre o autor e o alvo da piada.

Ainda segundo Bergson, o humor é o inverso da ironia. Embora os dois se constituam como formas de sátira, a ironia teria uma natureza oratória e o humor seria mais científico. Dessa forma, o autor defende que a linguagem “só produz efeitos risíveis porque é obra humana, modelada, tanto quanto possível, sobre as formas do espírito humano.” (BERGSON, 2018, p. 93). O riso é incompatível com a emoção, já que ele brota da constatação de um defeito ou de uma inadequação do indivíduo às normas que são impostas pela sociedade. Esta concepção é interessante para refletir sobre a representação dos políticos brasileiros em formatos humorísticos. Partindo deste princípio, o autor conceitua que o humorista é um moralista disfarçado de sábio e que o humor é a transposição do moral para o científico.

Aquilo que determina as razões pelas quais uma população ri é uma variável influenciada por valores, aspectos culturais e também pela época. O linguista Sírio Possenti (2001, p.176) avalia que as piadas fornecem retratos bastante confiáveis dos valores e dos problemas de uma sociedade. O autor pondera que questões como “sexualidade, etnia/raça e outras diferenças, instituições (igreja, escola, casamento, política), morte, tudo isto está sempre presente nas piadas que circulam anonimamente e que são ouvidas e contadas por todo mundo em todo o mundo.” As piadas abordam, geralmente, assuntos sobre os quais há uma disputa de significados, temas controversos, sem consenso. Além disso, estes textos humorísticos são construídos a partir de

estereótipos, como “judeu só pensa em dinheiro, mulher inglesa é fria, português é burro, gaúcho é efeminado, japonês tem pênis pequeno, nordestino/brasileiro é mais potente do que qualquer gringo grandalhão, marido é traído e esposa é infiel, brasileiro/mineiro é o mais esperto etc.” (POSSENTI, 1998, p. 26). As piadas também são ferramentas interessantes para estudar as representações sociais; entender como as identidades culturais são construídas e dão vazão a discursos considerados proibidos, que não seriam formalmente enunciados em outro contexto. Ainda de acordo com Possenti (1998, p. 26), “as piadas são interessantes porque são quase sempre veículo de um discurso proibido, subterrâneo, não oficial, que não se manifestaria, talvez, através de outras formas de coletas de dados, como entrevistas.”.

Pelo viés da Filosofia, Henri Bergson (2018, p. 18) pontua que o cômico é uma condição eminentemente humana. Neste pressuposto, o homem é apontado como o “animal que sabe rir” ou o “animal que faz rir”. Ao observar uma paisagem, para seguir no exemplo formulado pelo próprio autor, a vista poderá ser classificada como “bonita, graciosa, sublime, insignificante ou feia; nunca será risível.” O riso só é possível a partir da identificação de características humanas nos objetos ou nos animais. A partir desta definição, Bergson (2018) descreve que ao rir de um chapéu, o observador não se volta ao pedaço de couro em si, já que ele não teria nada de risível, mas à forma do acessório, determinada por uma decisão humana.

Já o linguista Vladimir Propp (1992) destaca a existência de vários tipos de riso, indicando que o riso de zombaria é o mais encontrado na vida, motivado pelo escárnio. O teórico russo, tomando como base as reflexões de Bergson e de Aristóteles, reforça a compreensão de que o riso é uma capacidade humana, já que exige reflexão prévia. Propp (1992) estabelece a existência de seis tipos de riso: *de zombaria, bom, mau/cínico, alegre, ritual e imoderado*. Por questões metodológicas, o presente trabalho vai se concentrar no primeiro deles, alicerçado na matriz da zombaria e do deboche. O estruturalista pontua que os aspectos que motivam a zombaria estão presentes na vida, na realidade concreta, desta forma, cabe ao artista decidir como estas características deverão ser trabalhadas para alcançar o riso. Nesta perspectiva, a comicidade é percebida a partir de uma correlação entre a natureza física e a espiritual, considerando o corpo como um recurso para alcançar o riso. Mas o efeito cômico também pode ser usado em um movimento satírico com motivações políticas. “O riso é uma arma de destruição: ele destrói a falsa autoridade e a falsa grandeza daqueles que são submetidos ao escárnio.”. (PROPP, 1992, p. 46).

Considerando as postagens realizadas pelo *Site Sensacionalista*, em 2020, analisando a ação do Governo Federal diante da pandemia de Covid-19, a formulação do conceito de humor de transgressão, do semioticista Umberto Eco (1989), parece apropriado. Nesta perspectiva, o humor se configura como uma ferramenta para a contestação da ordem social e possibilita novas interpretações da realidade política, questionando, por exemplo, as versões oficiais. O conteúdo publicado é uma subversão dos acontecimentos políticos a partir da matriz do humor. Eco (1989) destaca que o humor mina a lei. Pensando em uma relação direta com a realidade política brasileira, mostra-se coerente avaliar que as postagens do *Sensacionalista* são uma crítica direta ao presidente Jair Bolsonaro, criticando a forma como ele exerce o cargo, como conduz o país e a pandemia de Covid-19. Ao mesmo tempo em que as publicações criticam a gestão política, reafirmam que ele é o presidente da República, pois

El humor no nos promete liberación: al contrario, nos advierte la imposibilidad de una liberación global, recordándonos la presencia de una ley que ya no hay razón para obedecer. Al hacerlo, mina la ley. Nos hace sentir la molestia de vivir bajo una ley, cualquier ley (ECO, 1989, p.19).

CONTRIBUIÇÕES BAKHTINIANAS PARA O ESTUDO DO HUMOR

Em Mikhail Bakhtin (2010), os conceitos do carnaval e da carnavalização tomam posição central. Estas percepções se aproximam da leitura realizada por Eco (1989), por exemplo, que considera o humor como um movimento de transgressão à ordem vigente. Considera-se que os aspectos do carnaval, sobretudo pela subversão da ordem vigente, podem ser percebidos no conteúdo humorístico produzido pelo *Sensacionalista*. Ao perceber o carnaval considerando aspectos da Antiguidade, da Idade Média e da Renascença, o autor destaca um momento único na narrativa social no qual é possível a inversão da ordem social, a troca de papéis: “*a coroação bufa e o posterior destronamento do rei do carnaval.*”⁴. (BAKHTIN, 1997, p. 129). Edson Carlos Romualdo (2020) enfatiza que a “vida carnavalesca é uma vida diferente da cotidiana, pois ela desvia a ordem habitual, transformando-se em uma ‘vida às avessas’, ‘num mundo invertido’.” (ROMUALDO, 2000, p. 60).

⁴ Grifos do autor.

O carnaval pode ser percebido como uma quebra das hierarquias cotidianas. Ao descrever a estrutura da sociedade medieval, Bakhtin (1997) lista dois estamentos rígidos, com características paradoxais. A cultura oficial era apresentada como aquela composta pelos membros da Igreja Católica, homens cultos, mas que nunca riam. Para descrever este grupo social, o autor russo usa o conceito *agelastoi*, (em referência àqueles que não riam; que são desprovidos de alegria) destacando que estes religiosos concebiam o riso como uma atitude mundana e, que por isso, deveria ser combatido. O outro polo, a cultura popular, traz o carnaval em sua essência.

O comportamento, o gesto e a palavra do homem libertam-se do poder de qualquer posição hierárquica (de classe, título, idade, fortuna) que os determinava totalmente na vida extracarnavalesca, razão pela qual se tornam excêntricos e inoportunos do ponto de vista da lógica do cotidiano não-carnavalesco. A excentricidade é uma categoria específica da cosmovisão carnavalesca, organicamente relacionada com a categoria do contato familiar; ela permite que se revelem e se expressem – em forma concreto-sensorial – os aspectos ocultos da natureza humana. (BAKHTIN, 1997, p. 128-29).

Robert Stam (1992) também discorre sobre a excepcionalidade do carnaval. A festa estabelece um tipo especial de riso festivo, que é descrito como uma alegria cósmica universal que se volta contra tudo e contra todos. Stam (1992, p. 43) utiliza a expressão "explosão libertadora" para definir este processo. Entre as características mais marcantes do carnaval está a hierarquia corporal às avessas, condição que só é possível em uma realidade que não seja guiada por uma rígida hierarquia. Stam (1992) explica que o carnaval oferece uma suspensão, em caráter temporário, de qualquer forma de proibição e de tabu. O riso carnavalesco, na avaliação de Bakhtin (2010), se projeta contra a autoridade, contra o supremo, ele é ambivalente. Transpondo esta definição para o nosso objeto de estudo, é possível inferir que o riso provocado pelas publicações do *Sensacionalista* se volta contra os personagens ironizados, entre eles o presidente Jair Bolsonaro e demais autoridades do Governo Federal. Os textos humorísticos questionam a autoridade do presidente, como chefe de Estado, e dos membros do Ministério da Saúde, enquanto pasta responsável pela gestão da pandemia.

Bakhtin (1997) propõe a existência de categorias da cosmovisão carnavalesca. Entre elas, a profanação, presente na sátira de questões religiosas, que também pode ser encontrada no humor de transgressão. É possível pensar, a partir de uma tentativa de

comparação, que ao ridicularizar as ações de um presidente da República, há uma espécie de profanação desta autoridade. Sobre esta categoria, o autor russo destaca que a profanação é

[...] formada pelos sacrilégios carnavalescos, por todo um sistema de descidas e aterrissagens carnavalescas, pelas indecências carnavalescas, relacionadas com a força produtora da terra e do corpo, e pelas paródias carnavalescas dos textos sagrados e sentenças bíblicas, etc. (BAKHTIN, 1997, p. 129).

O carnaval e o humor podem ser percebidos como movimentos com o objetivo de destronar os poderosos. Por mais que exista diferenças entre as atuais festas de carnaval e o que ocorria na Idade Média e na Renascença, a comemoração ainda é um espaço marcado pela crítica e pela ironia voltada contra os governantes. Em 2019, por exemplo, foliões de todo o país protestaram contra o presidente Jair Bolsonaro.

SENSACIONALISTA E O HUMOR A PARTIR DO COTIDIANO

O site *Sensacionalista* foi criado em 2009 e adota o slogan *isento de verdade*, deixando claro que o conteúdo produzido, que simula a estrutura de notícias jornalísticas, é fictício. A descrição presente na página é a seguinte: “O *Sensacionalista* é um site de humor. Todo o conteúdo do site é satírico e como tal deve ser encarado. Fundado em 2009.”. (SENSACIONALISTA, 2021). Por mais que a página permaneça no ar, as atualizações deixaram de ser publicadas nela em meados de 2020. Os leitores podem acompanhar os textos humorísticos a partir de um blog na versão digital do *O Globo* e também nas edições dominicais do jornal ou mesmo nas redes sociais do humorístico.

As postagens do humorístico exigem que o leitor tenha conhecimento prévio do fato que motivou a releitura apresentada. As publicações do *Sensacionalista* obedecem a lógica cronológica dos grandes veículos de comunicação, tomando como ponto de partida as *hot news*. Os textos atribuem um tom satírico a fatos de grande relevância, sobretudo no campo político. Conforme o fato vai perdendo espaço na memória coletiva, as piadas também vão ficando ultrapassadas. Por mais que o objeto escolhido para este artigo seja relativamente recente, e que o objetivo aqui não seja debater propriamente quais são as características deste gênero, já existem pesquisas anteriores que abordam textos humorísticos com estas características. Pela estrutura semelhantes às notícias,

publicações como as realizadas no *Sensacionalista* têm sido chamadas de *pseudonotícias* ou de *desnotícias*. Em língua inglesa, este conteúdo é classificado como *satirical news*. Deborah Cattani Gerson (2014) aborda o fenômeno a partir do conceito de pseudonotícia. Na definição da autora: “Pertencente do humor, as pseudonotícias são paródias (que também contém outros gêneros do humor/literatura) da atividade jornalística de noticiar.”. (GERSON, 2014, p. 15).

Já Filipo Pires Figueira (2019) fala em um gênero discursivo que mimetiza o jornalismo. O autor pensa a desnotícia enquanto uma paródia das notícias tradicionais, mas sem a pretensão de verdade, embora sejam construídas a partir de eventos reais. “A relação entre ambas se estabelece, no entanto, porque a desnotícia empresta da notícia algumas características, como a remissão a acontecimentos e a personagens públicas, além de sua construção formal de texto.”. (FIGUEIRA, 2019, p. 18-19). Com a intensificação da polaridade política no Brasil nos últimos anos, a política tem se tornado a editoria prioritária do humorístico.

JAIR BOLSONARO E A GESTÃO DA PANDEMIA DE COVID-19

Em abril de 2020, o tradicional jornal norte-americano *The Washington Post* elegeu o presidente Jair Bolsonaro como o pior líder mundial na gestão da pandemia do novo coronavírus. Desde o registro dos primeiros casos no país, o presidente tem assumido uma postura negacionista e confrontado as recomendações sanitárias emitidas por órgãos internacionais e pelo próprio Ministério da Saúde. Além de classificar a pandemia como uma “gripezinha” (em 20 de março de 2020) e indicar que por possuir um “histórico de atleta” (24 de março de 2020) estaria livre de um possível agravamento em caso de contaminação pelo novo coronavírus, quando questionado sobre o aumento no número de vítimas fatais pela Covid-19, Bolsonaro deu respostas como: “eu não sou coveiro” (20 de abril de 2020) e “eu sou Messias, mas não faço milagre” (28 de abril de 2020)⁵.

Por mais que o Brasil seja mundialmente reconhecido como referência em vacinação, a imunização contra o novo coronavírus avançou em uma velocidade inferior

⁵ Até junho de 2021, o presidente já havia sido multado pelo menos duas vezes pelo Governo de São Paulo por descumprimento da determinação estadual que obriga o uso de proteção facial em espaços públicos. Um pouco antes disso, o presidente foi intimado pela Superintendência de Vigilância Sanitária do Maranhão (Suvisa), por provocar aglomerações durante passagem pelo estado e por não usar máscara de contenção.

à capacidade do Sistema Único de Saúde (SUS). Em depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), o infectologista Pedro Hallal, destacou que o atraso do Governo Federal nas negociações com a farmacêutica *Pfizer*, para a compra de imunizantes, e com o Instituto Butantan para a aquisição de doses da *Coronavac*, vacina desenvolvida em parceria com a biofarmacêutica chinesa *Sinovac*, resultou em 95,5 mil óbitos. Entretanto, outras pesquisas destacam que o cenário pode ser ainda pior, com cerca de 145 mil mortes especificamente pela falta de aquisição de vacinas.

***Sensacionalista*: a pandemia de Covid-19 e as críticas a Bolsonaro**

As quatro postagens escolhidas para esta análise foram realizadas pelo *Sensacionalista* entre os meses de março e agosto de 2020, período classificado como a primeira onda da Covid-19 no país. Pensando em uma comparação com o carnaval estudado por Bakhtin, acredita-se que a equipe do *Sensacionalista* utiliza a internet como uma espécie de arena pública, na qual as incoerências das personalidades políticas são apontadas. O portal toma os assuntos de destaque do jornalismo como o fio condutor para as publicações. Ainda que os objetivos sejam distintos, há uma relação dialógica entre o conteúdo jornalístico e as publicações do *Sensacionalista* e entre estas e o leitor. Ao deparar-se com o conteúdo publicado no portal humorístico, o leitor se envolve em um processo polifônico, no qual encontra elementos pertencentes ao discurso humorístico e também ao jornalístico. O *Sensacionalista* não se propõe a fazer jornalismo, mas toma fatos da ordem do dia como pauta para as suas piadas.

Em 13 de março de 2020 (Figura 01), na editoria País, a equipe do *Sensacionalista* postou a desnotícia *Médico diz que Bolsonaro não pegou coronavírus por gostar de laranja*⁶. O texto satírico tomou como gancho pelo menos dois fatos jornalísticos de destaque à época: o retorno de uma comitiva do Brasil aos Estados Unidos, composta pelo presidente Jair Bolsonaro, ministros, secretários de governo, políticos e empresários, da qual pelo menos 23 pessoas, que integraram ou diretamente relacionadas ao grupo, testaram positivo para Covid-19; e as investigações de um esquema de corrupção envolvendo o senador Flávio Bolsonaro (Republicanos/RJ), filho do presidente. No que diz respeito à comitiva, as confirmações destes casos de infecção

⁶ A desnotícia completa está disponível em: <https://www.sensacionalista.com.br/2020/03/13/medico-diz-que-bolsonaro-nao-pegou-coronavirus-por-gostar-de-laranja/>.

pelo novo coronavírus destacaram-se, juntamente com os brasileiros que retornavam da Europa, como os primeiros casos da doença no país. Na ocasião, o presidente foi testado por duas vezes, mas os resultados foram negativos.

O texto, apesar de curto, traz indícios daquilo que Bakhtin enumera como o ritual de "coroação destronamento", ressaltando a ambivalência da "bênção e maldição". (BAKHTIN, 1997, p. 131). A mensagem satírica brinca com a inversão dos valores convencionalmente atribuídos a positivo e negativo. “O governo Bolsonaro segue sem resultados positivos. Depois de vazar para a imprensa que estava contaminado pelo coronavírus, o presidente Bolsonaro fez como a economia e disse que seu resultado é negativo.” (SENSACIONALISTA, 2020). O resultado positivo corresponde à contaminação pelo novo coronavírus, a falta dele indica que o presidente não estaria doente, o que seria bom, mas nesta publicação a falta de resultados positivos é ampliada para uma análise macro da gestão de Bolsonaro. Esta prática subverte a afirmação anterior, deixando a avaliação da saúde do político de lado, chegando a uma crítica à administração federal. Ao destacar que o Governo segue sem resultados positivos, o contexto da publicação deixa de estar restrito à pandemia. O mesmo ocorre no polo negativo: se para o vírus é bom, para a avaliação do Governo Federal é ruim. A publicação tece críticas à política econômica do ministro Paulo Guedes.

Para além disso, a desnotícia estabelece uma relação de parceria entre Bolsonaro e o filho Flávio no esquema de corrupção investigado, do qual o ex-assessor Fabrício Queiróz, à época foragido, seria laranja. Esta informação aparece no texto humorístico como se fosse a afirmação de um entrevistado, por isso o uso de aspas. “Um médico que testou Bolsonaro disse que ele não se contaminou porque gosta muito de laranja. ‘Só a convivência dele com o Queiroz colocou tanta vitamina C no seu sistema que ele não pega nenhum tipo de gripe’.” (SENSACIONALISTA, 2020). O destronamento total ocorre na última frase, quando a humanidade do presidente é destituída. “‘Ficou provado que coronavírus não pega em animal’, disse o médico.” (SENSACIONALISTA, 2020). Ao retirar a racionalidade de Bolsonaro, o portal questiona a capacidade dele para o exercício do cargo. Por mais que este trabalho se atente à questão visual, a imagem utilizada na desnotícia é de conhecimento público e também foi utilizada em textos jornalísticos, o que reforça a intertextualidade e o tom de paródia.

Figura 01



Fonte: Texto publicado em 13 de março de 2020, Site Sensacionalista

Em 24 de março de 2020, o presidente Jair Bolsonaro fez um pronunciamento em cadeia nacional de rádio e televisão sobre a Covid-19. A manifestação pública gerou muitas críticas, já que revelou o tom negacionista que tem sido sustentado pelo chefe de Estado na condução da crise sanitária. Em cerca de cinco minutos de fala, o presidente criticou os governadores pela adoção de medidas para frear a disseminação do coronavírus; chamou, novamente, a Covid-19 de gripezinha; indicou que o país deveria voltar à normalidade, suspendendo as medidas de restrição e afirmou que, se contaminado, manifestaria apenas a forma leve da doença, já que possuía um histórico de atleta.

Na mesma data, o assunto ganhou as páginas do *Sensacionalista* (Figura 02). A desnotícia, já no título, estabelece o tom carnavalesco: *Coronavírus chama Bolsonaro de 'presidentinho'*⁷. Em termos bakhtinianos, é possível perceber a inversão da ordem social. O vírus é personificado e transformado em sujeito da frase. Assim como na expressão reiterada pelo presidente, de que a pandemia não passa de uma gripezinha, ao usar a expressão no diminutivo há uma redução de sua importância, na manchete da desnotícia também, mas agora direcionada ao presidente. No caso da doença, uma gripezinha é algo facilmente curável e não compromete, de maneira grave, a saúde dos infectados; já um presidentinho é alguém de pouca expressão, quase insignificante, em termos políticos que não está à altura do cargo que ocupa.

⁷ A desnotícia completa está disponível em <https://www.sensacionalista.com.br/2020/03/24/coronavirus-chama-bolsonaro-de-presidentinho>.

Figura 02



Fonte: Texto publicado em 24 de março de 2020, Site Sensacionalista

O texto traz, no primeiro parágrafo, informações muito próximas daquilo que seria encontrado em um texto jornalístico. A diferença é que há uma continuidade no processo de destronamento de Bolsonaro. Ele é chamado de ex-presidente em exercício, ou seja, alguém que não tem mais legitimidade para seguir no cargo. "Em um pronunciamento alucinante em cadeia de televisão na noite de hoje, o ex-presidente em exercício Jair Bolsonaro voltou a minimizar a epidemia do coronavírus, que chamou de “gripezinha”, pediu que as escolas e empresas retomem as atividades e atacou a imprensa." (SENSACIONALISTA, 2020). Na continuidade do texto, o coronavírus volta a ser representado como o personagem principal da relação, já que é entrevistado. A figura de Bolsonaro segue em papel secundário. "Perguntado, o coronavírus comentou que, apesar de ter parentes que moram dentro do Bolsonaro (embora ele negue), considera-o um “presidentinho”.". (SENSACIONALISTA, 2020). O Sensacionalista assume um caráter ainda mais transgressivo, apresentando críticas ao presidente e a empresários que criticaram as medidas de isolamento social. O último parágrafo da desnotícia é um recado dos editores do site à população, deslegitimando o pronunciamento oficial.

O presidente faz coro com empresários seus apoiadores como os responsáveis pelas redes de restaurantes Madero e Giraffas, que disseram que a economia não pode parar “por causa de 5 ou 7 mil mortes”. Não é porque os restaurantes de empresários genocidas vão quebrar que não vamos salvar 7 mil pessoas, disse um consumidor. Fica o recado do Sensacionalista: se você está sentindo dor de cabeça e mal estar, pare de assistir ao pronunciamento de Bolsonaro. (SENSACIONALISTA, 2020).

Em 06 de abril de 2020, durante a crise interna que culminou na demissão do então ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, o *Sensacionalista* ironizou a gestão do presidente Jair Bolsonaro sem um fato específico. A desnotícia novamente é estruturada a partir do recurso da personificação: *Faixa presidencial de Bolsonaro é internada em estado grave na UTI*⁸(Figura 03). A construção humorística aponta problemas de saúde enfrentados pela faixa, o que se apresenta como uma metáfora para avaliar que o presidente não tem condições de permanecer no cargo, levando em conta que a faixa presidencial é o principal símbolo do comando do Executivo Federal. O *Lowy Institute*, um centro de estudos australiano com sede em Sydney, aponta que o Brasil teve a pior gestão pública durante a pandemia.

Figura 03



Fonte: Texto publicado em 06 de abril de 2020, Site Sensacionalista

A transferência do símbolo para o novo comandante do cargo se destaca como um dos pontos altos da cerimônia de posse. Além disso, nas fotografias oficiais, o presidente da República deve usar a faixa presidencial.

A faixa presidencial de Jair Bolsonaro pode morrer a qualquer momento. Ela foi internada em estado grave hoje por volta das 18h. Em Brasília já há quem diga que a faixa respira por aparelhos. “Estamos fazendo o possível para manter mas a faixa parece uma infecção grave que luta para matar o próprio corpo”, explicou um dos assessores que acompanha o caso.

Bolsonaro começou o dia disposto a demitir o ministro Luiz Henrique Mandetta mas no fim voltou atrás. Em casa, cobrado pelo filho Carlos, Bolsonaro respondeu: “na volta a gente demite”. (SENSACIONALISTA, 2020).

⁸ A desnotícia completa está disponível em: <https://www.sensacionalista.com.br/2020/04/06/faixa-presidencial-de-bolsonaro-e-internada-em-estado-grave-na-uti/>.

No último parágrafo, há uma crítica à interferência dos filhos do presidente Jair Bolsonaro no Governo. A questão é demarcada por uma expressão atribuída às mães quando não querem ou não podem dar algo que o filho pediu naquele momento: “na volta a gente compra”. O assunto em questão era a demissão de Mandetta. Vale lembrar que Carlos Bolsonaro foi apontado como um dos políticos que mais pressionaram o presidente para a demissão de Gustavo Bebianno, em fevereiro de 2019, do cargo de ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República. O caso foi criticado, já que o filho do presidente não tem nenhuma relação direta com o Governo Federal, ele é vereador no Rio de Janeiro.

O tratamento precoce contra a Covid-19 tornou-se uma das principais obsessões do presidente Jair Bolsonaro e também foi abordado pelo *Sensacionalista*. Por mais que estudos científicos tenham demonstrado que o uso de medicações - como a hidroxicloroquina, a ivermectina e a azitromicina - ou de substâncias - como o zinco e a vitamina D - não previnem a contaminação pelo novo coronavírus e que o uso indiscriminado pode acarretar outros problemas de saúde, não há uma mudança de postura. Desde 2004, os maços de cigarro no Brasil estampam fotografias de danos causados pelo consumo do tabaco. A medida está presente em pelo menos 40 países em todo o mundo. O *Sensacionalista* se valeu deste gatilho para a desnotícia *Embalagem de cloroquina virá com foto de Bolsonaro como alerta*⁹, de **14 de maio de 2020** (Figura 04). O primeiro parágrafo conta com informações semelhantes as que foram divulgadas pelos jornais quanto à relação de Jair Bolsonaro e Nelson Teich, durante os quase trinta dias que o médico respondeu como ministro da Saúde.

O presidente Jair Bolsonaro teria “exigido” a Nelson Teich que recomendasse a cloroquina no tratamento de Covid-19. Diversos estudos recentes mostraram que a cloroquina não só é ineficaz contra o coronavírus como pode causar graves efeitos colaterais, especialmente no coração. (SENSACIONALISTA, 2020).

No restante do texto, há justamente a comparação com as imagens presentes nas embalagens de cigarro. A crítica pode ser percebida no último parágrafo e é direcionada para quem nega as verdades científicas.

⁹ A desnotícia completa está disponível em <https://www.sensacionalista.com.br/2020/05/14/embalagem-de-cloroquina-vira-com-foto-de-bolsonaro-como-alerta/>.

Por isso, a indústria farmacêutica terá que colocar a foto de Bolsonaro nas embalagens de cloroquina – como é feito com cigarros.
“Quem quiser duvidar da ciência tem que saber que o destino é se tornar um mentiroso autoritário, manipulador, orgulhoso de ser ignorante, potencialmente genocida e, de uma maneira geral, um grande filho da puta”, disse a decisão. (SENSACIONALISTA, 2020).

Figura 04



Fonte: Texto publicado em 14 de maio de 2020, Site Sensacionalista

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O humor destaca-se como objeto de estudo de várias áreas do conhecimento. O riso, como uma das suas manifestações mais recorrentes, também motiva pesquisas. O humor, por ser um campo mais flexível, permite aos interlocutores emitirem dizeres que não são encontrados em outros gêneros. Um discurso classificado como mais ácido, por vezes transgressivo, é uma característica do humor político e pode ser percebido nas quatro postagens do site *Sensacionalista*, analisadas neste artigo e que tematizam a pandemia de Covid-19.

O site aborda com ironia a gestão do Governo Federal e a postura negacionista assumida por Jair Bolsonaro. As piadas se aproximam do riso carnalizante, descrito por Bakhtin (1997). O discurso assumido pelo humorístico questiona a capacidade do presidente de conduzir o país. Esta percepção fica mais evidente a partir da expressão "ex-presidente em exercício", utilizada para descrever Bolsonaro. O humorístico trata a pandemia de Covid-19 com extrema seriedade, destaca a gravidade da doença causada pelo novo coronavírus e enfatiza a importância da população seguir as medidas preventivas para evitar a disseminação do vírus.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. 3.ed. São Paulo/Brasília: Editora da Universidade de Brasília / HUCITEC, 1996.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1997.

BERGSON, H. **O riso**: ensaio sobre o significado do cômico. São Paulo: Edipro, 2018.

BOLSONARO, J. **Pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro sobre crise do coronavírus**. **Cadeia** Nacional de Rádio e Televisão. 24/03/2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VI_DYb-XaAE. Acesso em 31/03/2021.

ECO, U. **Los marcos de la libertad cómica**. In: ECO, Umberto; IVANOV, V.V; RECTOR, Monica.;Carnaval! México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

FIGUEIRA, F. P. **Três faces das desnotícias**: paródia, jornalismo e política nas publicações do The Piauí Herald. Campinas, SP: Unicamp, 2019. Orientador: Sírio Possenti. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2019.

GERSON, D. C. **Afinal, o que é pseudonotícia?** Um estudo sobre o The i-Piauí Herald, o Sensacionalista e o Laranjas News. Porto Alegre, RS: PUC, 2014. Orientador: Beatriz Dornelles. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2014.

POSSENTI, S. **Piadas são relevantes em estudos do funcionamento da linguagem**. *Ciência Hoje*, São Paulo, Vol. 30, n.176, outubro 2001.

PROPP, V. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

ROMUALDO, E. C. **Charge jornalística**: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S. Paulo. Maringá: Eduem, 2000.

SENSACIONALISTA. **Coronavírus chama Bolsonaro de ‘presidentinho’**. Disponível em: <https://www.sensacionalista.com.br/2020/03/24/coronavirus-chama-bolsonaro-de-presidentinho>. Acesso em 01/04/2021.

_____. **Faixa presidencial de Bolsonaro é internada em estado grave na UTI**. Disponível em: <https://www.sensacionalista.com.br/2020/04/06/faixa-presidencial-de-bolsonaro-e-internada-em-estado-grave-na-uti/>. Acesso em 01/04/2021.

_____. **Médico diz que Bolsonaro não pegou coronavírus por gostar de laranja**. Disponível em: <https://www.sensacionalista.com.br/2020/03/13/medico-diz-que-bolsonaro-nao-pegou-coronavirus-por-gostar-de-laranja>. Acesso em 30/03/2021.

_____. **Embalagem de cloroquina virá com foto de Bolsonaro como alerta**. Disponível em: <https://www.sensacionalista.com.br/2020/05/14/embalagem-de-cloroquina-vira-com-foto-de-bolsonaro-como-alerta>. Acesso em 02/04/2021.

STAM, R. **Bakhtin**: da teoria literária à cultura de massa. São Paulo: Editora Ática, 1992.